

5.

Considerações finais

Neste trabalho buscamos compreender as transformações da cultura visual contemporânea a partir de um olhar em direção ao passado, um olhar inspirado no anjo da história de Walter Benjamin.⁶²³ A visão do *Angelus Novus* nos conduziu indicando a direção como um radar, abrindo caminho na tempestade de novidades oferecidas pelo progresso – as novas configurações materiais ou apenas as novas embalagens com as quais o mesmo é reciclado e oferecido como novo ao olhar. Ainda, de acordo com a visão que tem da história o anjo imaginado por Benjamin, nossa intenção não foi constituir uma cadeia de acontecimentos ou o traçado de uma continuidade sobre os modos de olhar do início da Idade Moderna até os dias atuais. O objetivo principal do nosso trabalho consistiu em “puxar um fio” da história para com ele constituir o eixo da presente discussão. Um fio que nos permitisse conduzir um olhar com os pés assentados sobre o presente, uma visão histórica que nos fornecesse subsídios para avaliar a participação de modelos de olhar anteriores. Recolhemos os elementos da história e o trouxemos para o presente, como forma de reavivá-los, de fazê-los ocupar o espaço que lhes cabe nas transformações do presente e de prepará-los para o diálogo com a cultura visual contemporânea.

O momento atual traz em seu bojo uma enorme carga de excessos tecnológicos e estímulos sensoriais em uma construção simbiônica, algumas vezes percebida como ápice do projeto moderno, outras, compreendida como uma etapa posterior a este empreendimento - o pós-moderno. A cultura visual moderna, de um modo ou de outro, ainda se faz presente, até mesmo, na medida em que procura apagar os traços de tudo o que veio antes, inclusive as marcas de sua própria constituição moderna. Suprimir rastros da cultura é também apagar a história e colocar-se frente a tudo que é novo. É neste contexto que, ao pensar o

⁶²³ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 226.

passado, o nosso objetivo específico é fornecer subsídios para a compreensão de como a cultura visual do presente vem sendo construída - suas continuidades e contradições. Este objetivo impõe-se de forma inequívoca ante a possibilidade de deixar-se arrastar irresistivelmente para o futuro.

A cultura visual moderna não teria se construído sem que o olhar tivesse sido precedido por uma racionalização, fundamentada na convenção da perspectiva e divulgada pela invenção da gravura, como vimos no primeiro capítulo deste estudo. O olho, a partir da Era Moderna, é transformado em um instrumento que, em combinação com as funções racionais da mente, promete o “conhecimento verdadeiro”. O olho torna-se uma ferramenta que deve ser constantemente aperfeiçoada através do emprego de aparatos ópticos e tecnológicos. Este conceito de aprimoramento em bases científicas permanece atuante na prática das diversas profissões do século XXI - da medicina ao design. A sociedade ocidental, desde a chamada “revolução industrial”, vem dando destaque às mudanças trazidas pelo avanço das novas tecnologias.

No segundo capítulo deste trabalho, vimos que a ascensão de um novo paradigma tecnológico trouxe modificações nas dimensões tempo-espço, comprimindo distâncias, aproximando realidades, acelerando transformações, em resumo, alterando os percursos de uma sociedade. Apesar disso, a tecnologia não pode ser considerada como único critério de análise, mas como um critério de importância. Embora seja equivocado admitir a influência da tecnologia como fator preponderante no ambiente social, não se pode relevar a extensão de sua atuação nas bases materiais da economia, da sociedade e da cultura. A nossa consideração é que tecnologias podem atuar como um agente catalisador de determinadas conseqüências, mas não chegam a caracterizar condição suficiente de possibilidade para que estas transformações se realizem em qualquer sociedade ou período. Além disso, há que estabelecer diferenças entre as influências diretas e as indiretas, geradas pelas tecnologias. Como exemplos de influências diretas, analisamos a ação das novas tecnologias de transporte e comunicação na compressão tempo-espço e no aumento exponencial de informações visuais. A eletricidade também foi examinada como uma influência direta, mas de ação mais lenta. As transformações urbanas que produziram a cidade moderna podem ser apontadas como exemplo de influência indireta das novas tecnologias sobre o

olhar na medida em que podem ser compreendidas, em última instância, como consequência dos novos processos de produção trazidos com a industrialização.

Neste trabalho, mostramos que, a partir da segunda metade do século XIX, diversas tecnologias passaram a atuar na compressão das dimensões tempo-espço, articulando a construção de um novo modo de olhar. Este novo ambiente tempo-espacial, acompanhado de modificações no tecido urbano e da multiplicação exponencial de imagens e objetos, influenciou na necessidade permanente de produção do novo, do diferente, capaz de obter ressaltos sobre a profusão de fatos visuais. Neste contexto, a impossibilidade de existência de um olhar inocente estabelece sua contrapartida na constante observação do novo.

Na medida em que, o passado forneceu a estrutura para a padronização e a racionalização de um modo de olhar sobre o qual as novas tecnologias puderam atuar na transformação da visualidade, cabe ao presente a realimentação deste processo. Ao longo do terceiro e último capítulo do nosso trabalho, demonstramos este processo na análise das primeiras Exposições Universais. Estas Exposições foram absolutas expressões da visualidade. A exibição de novos materiais, tecnologias e produtos produziu um caleidoscópio visual capaz de estimular alterações na experiência perceptiva. Atuaram reforçando a ascendência do sentido visual na sociedade burguesa do século XIX, tendo como fundamento a inculcação de um conceito de progresso intimamente relacionado à expansão da visualidade.

A nossa pesquisa sugere que o olhar moderno foi construído sobre um tripé formado pelas tecnologias modeladoras das relações tempo-espço, pelas convenções que contribuíram para a sua compreensão e naturalização e por uma pedagogia que inculcou a abertura para o novo, de modo a garantir a perpetuação deste modo de olhar.

O presente trabalho sugere a formulação de dois modelos ou dois momentos construtores do olhar moderno. Diante desta consideração, ressaltamos que um modelo, ou momento, não se esgota simplesmente, mas fornece os fundamentos sobre os quais o novo modelo se constitui. A compreensão destes modelos em separado tem a intenção de destacar o que subsiste de cada um no modo de olhar contemporâneo. Assim, encontramos, de um lado, a racionalidade e a busca da verdade que, por mais que tenha sido revisada e contestada nos ambientes acadêmicos atuais, continua persistindo na manutenção de convenções que

favorecem a troca signica. De outro, a produção industrial e o mundo de possibilidades materiais que é oferecido.

O primeiro modelo, o olhar ciclópico estudado no segundo capítulo, preparou o olhar para a sociedade industrial, deu-lhe racionalidade e o estruturou com convenções, como a perspectiva, de modo a favorecer um ambiente de linguagem comum onde as representações podiam ser compartilhadas e compreendidas. O segundo modelo, o olhar panorâmico, analisado no terceiro capítulo, trata da adaptação do olhar às “mil coisas” para serem vistas, da reação do olhar à profusão de objetos e imagens produzidos a partir da industrialização. A nossa pesquisa sugere que, nesta etapa, o olhar teve que se tornar mais abrangente. O relance foi inaugurado e, com ele, tornou-se possível “captar”, ainda que de forma superficial, a pletora de formas que se oferecia. Em alguns casos, verificamos tentativas de repartição das formas visuais em elementos menores que permitissem visualização e interpretação. Neste contexto, o corpo foi dividido e arquivado na tentativa de retomar o controle social que existia anteriormente, quando havia um único foco de visão.

O novo modo de olhar, construído no século XIX, buscou apoio na intenção, nascida no seio da vida moderna e patrocinada por seus produtores, de compartilhar este modelo de olhar. Não por bondade ou altruísmo, mas porque este modelo requer um compartilhamento de signos, aspirações e crença no progresso. Esta intenção pedagógica, que destacamos no capítulo quatro, na análise das Exposições Universais, segue seu caminho na mídia de hoje, na imprensa, na publicidade, nas novelas, no destaque de vida dos famosos, no lazer e, mesmo, nas relações interpessoais que também se constroem sobre os fundamentos de uma cultura visual.

A restrição da pesquisa a meados do século XIX mostrou-se uma escolha adequada ao nosso objetivo de evidenciar a fundamentação de uma nova cultura visual nascida sobre a égide do moderno e nos permitiu analisar os primeiros momentos das transformações vividas pelo olhar. O século XIX fundou a ambição da totalização técnica. Não se tratava apenas de uma questão de substituir o trabalho do homem ou de fornecer-lhe melhores possibilidades de modificação do seu ambiente: as máquinas alcançaram a condição admirável de semi-deuses, colaborando para a realização de um espetáculo. Para Guy Debord que cunhou a expressão “sociedade do espetáculo”, a sociedade baseada na indústria moderna é

fundamentalmente *espetaculoísta*, onde o “desenrolar é tudo”.⁶²⁴ Segundo o autor, o espetáculo serve-se da visão como sentido privilegiado da pessoa humana e não se trata simplesmente de um conjunto de imagens, “mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”.⁶²⁵ Apesar de Debord ter estipulado a década de 1920 como o início da sociedade do espetáculo⁶²⁶, em nosso ponto de vista este processo é anterior. Iniciou-se no século XIX, predominantemente na sua segunda metade, quando têm início as Exposições Universais. As Exposições que se pretendiam universais, dentre outras coisas, pela amplidão e variedade do que costumavam mostrar, ofereciam um olhar para o futuro, uma visão de progresso sobre o deslumbre que a tecnologia tinha a oferecer.

A profusão de imagens e objetos que passou a inundar a sociedade a partir do século XIX, continua avançando. Vimos como os espaços vêm sendo visualmente preenchidos. Cada olhar é disputado por alguma entidade que deseja usar esta porta para imprimir uma marca em algum cérebro. É lugar comum afirmar que a sociedade atual é “a sociedade da imagem” como se a visualidade há muito não viesse atuando de forma direta em sua construção. Com esta afirmação não queremos levantar a bandeira de uma mera continuidade. Acreditamos estar vivendo em um momento de transformações tão profundas e tão fortemente ancoradas na visualidade como o foi a segunda metade do século XIX. No entanto, é importante observar como a sociedade digital, das redes e do ciberespaço freqüentemente pega de empréstimo suas principais características das tecnologias que a modifica. Os instrumentos tecnológicos não são objetos neutros. As tecnologias de comunicação e de produção de imagem trabalham “naturalizando” o olhar.

Muitos dos estudos acadêmicos atuais partem essencialmente dos aparatos tecnológicos do presente para tentar compreender as mudanças sociais que são produzidas. Em nossa opinião, falta à maior parte destas pesquisas, a compreensão de uma ação permanente de naturalização dos processos tecnológicos respaldados por uma ideologia que, apesar das críticas em contrário, continua sendo alçada para frente por uma expectativa de progresso.

⁶²⁴ DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2004. p. 17.

⁶²⁵ *Ibid.*, p. 14.

⁶²⁶ DEBORD, Guy. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. In: *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2004. p. 168-169.

As projeções das modificações futuras a partir das novas configurações oferecidas pelas novas tecnologias vão rapidamente tornando-se tão obsoletas quanto as próprias tecnologias. Estudos que evidenciam as influências das tecnologias de comunicação e de produção de imagem sem contextualizá-las, considerando apenas a absoluta novidade e o “nunca antes” experimentado esgotam-se em si próprios. A velocidade do processo tecnológico ilude a visão contemporânea do mesmo modo que os primeiros passageiros de trens, sufocados pela sensação de velocidade, não conseguiam fixar o olhar no primeiro plano fora de sua janela. Do mesmo modo que os nossos antepassados tiveram que aprender a olhar para planos mais distantes, também temos que “recalibrar” o nosso ângulo de visão para que possamos ter uma dimensão mais concreta das modificações que estão sendo realizadas –de forma cada vez mais acelerada – em nossa sociedade. A nosso ver, a compreensão da constituição dos modos de olhar permite a percepção de uma nova realidade em formação e a explicitação das continuidades e contradições da experiência moderna em sua fase avançada. Neste contexto, as contradições se mostram ainda no escopo da modernidade. De um lado a eficiência da máquina, do ferro e das formas limpas, de outro, a ebulição de uma cultura fragmentada e efervescente, caótica e entrópica. O olhar moderno se constrói através dos rápidos movimentos sacádicos entre estas formulações contraditórias.

Na complexidade da sociedade contemporânea, a cultura visual apresenta-se como um instrumento chave para a compreensão das relações entre homem e máquina. As relações entre produtores e consumidores merecem ser revistas. *Flanêurs e badauds* confundem-se em seus novos papéis.

Não há dúvida de que este trabalho levanta algumas questões que não se pretende resolver em seu escopo. A nossa pesquisa sugere que as novíssimas tecnologias que encurtam ainda mais as distâncias, aumentam a velocidade das comunicações e permitem novas formas de contato humano, dentre uma enorme série de outras transformações, estão gerando um novo olhar, para além da aceleração e de um novo feixe de respostas rápidas. A principal questão que se coloca é em relação ao momento em que teremos a exata medida desta transformação de forma a utilizá-la na formulação de novas possibilidades estruturais. Um aprofundamento posterior nas continuidades e contradições que constroem o olhar contemporâneo mostra-se, mais do que uma sugestão, uma

urgência para a compreensão das diretrizes de atuação daqueles que operam diretamente sobre esta capacidade perceptiva, como é o caso dos designers.